

APROXIMAÇÕES DAS PRÁTICAS DE AVENTURAS E EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA

Fernanda Leocádio ¹
Julia Mara Dias ²
Henrique de Sena Ferreira ³
Paulo José de Souza Pires ⁴
Ivanete da Rosa Silva de Oliveira⁵

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e analisar as implicações de uma sequência didática sobre Práticas Corporais de Aventura desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), nas aulas de Educação Física com turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental **de uma escola pública localizada em Volta Redonda/RJ**. Trata-se de um estudo descritivo-interpretativo. Os resultados indicam engajamento dos estudantes, ampliação do repertório motor e indícios de desenvolvimento de competências socioemocionais, como **cooperação, autocuidado e responsabilidade. Também emergiram questões de gênero, especialmente na vivência do parkour, e reflexões sobre impactos ambientais durante o trekking. Conclui-se que as práticas corporais de aventura apresentam viabilidade pedagógica na Educação Física escolar quando planejadas com intencionalidade e acompanhadas de estratégias de gestão de risco, exigindo, contudo, formação docente específica e uso de materiais simples. Recomenda-se o aprofundamento de estudos com delineamentos analíticos e detalhamento ético.**

Palavras-chave: Aventura. Educação Física. Ensino Fundamental. Formação Docente. PIBID.

INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) vêm ganhando espaço nas discussões

¹

Professora supervisora do PIBID: doutoranda, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-RJ, leocadiofernanda81@gmail.com;

² Licencianda do Curso de **Educação Física. Centro Universitário de Volta Redonda -UniFOA- RJ**, diasjulia533@gmail.com;

³ Licenciando do Curso de **Educação Física. Centro Universitário de Volta Redonda -UniFOA- RJ**, henriquedesenaf@gmail.com;

⁴ Licenciando do Curso de **Educação Física. Centro Universitário de Volta Redonda -UniFOA- RJ**, paulojosespires@gmail.com;

⁵ Docente do Centro Universitário de Volta Redonda- UniFOA – RJ, Ivanete.oliveira@foa.org.br





acadêmicas e curriculares brasileiras, especialmente após a sua inclusão no campo educacional explícita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um dos conteúdos a serem tematizados na Educação Física escolar (Brasil, 2018). Antes desse marco, as PCAs apareciam de forma pontual em alguns currículos estaduais e municipais, muitas vezes sob nomenclaturas distintas (Freire; Vieira, 2022).

A BNCC consolida a denominação PCAs e as insere entre as seis unidades temáticas do componente curricular Educação Física para os anos finais do ensino fundamental, mencionando-as de modo mais superficial no Ensino Médio, diluídas na Competência 5 da área de linguagens (Brasil, 2018). Caracterizadas pelo contato com ambientes naturais ou simulados, pela exigência de gestão de riscos e pela vivência de desafios físicos e mentais, as PCAs apresentam potencial para favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo, socioemocional e atitudinal dos estudantes (Mussi et al., 2021; Freire; Vieira, 2022).

Apesar desse potencial, a literatura acadêmica indica que a presença efetiva dessas práticas no contexto escolar ainda é reduzida. Entre os fatores que explicam essa limitação estão a insuficiência de formação inicial e continuada para o trabalho com PCAs, a falta de materiais didáticos adaptados à realidade das escolas e a ausência de protocolos claros de segurança (Inácio, 2021; Pereira, 2019). Essa lacuna formativa contribui para a manutenção de um currículo restrito a modalidades tradicionais, restringindo a diversificação de experiências corporais oferecidas aos alunos.

Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: como planejar e desenvolver, no âmbito da formação inicial docente, uma proposta pedagógica que favoreça a inserção das PCAs na Educação Física escolar, garantindo sua viabilidade, segurança e relevância educativa?

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), se apresenta como espaço privilegiado para enfrentar esse desafio, por promover a articulação entre teoria e prática, tornando-se uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores de Educação Básica. Seus projetos visam promover a inserção dos estudantes de nível superior no contexto das escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola-campo.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se apresenta como um espaço privilegiado para enfrentar esse desafio, por promover a articulação entre teoria e prática na formação inicial, inserindo licenciandos em escolas e permitindo a





experimentação de propostas inovadoras. Nóvoa (1999) afirma que pensar uma formação docente é ir além dos cursos de formação inicial e continuada, é, sobretudo, valorizar os elementos que constituem as *identidades docentes*. Dessa maneira, “não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração de outros professores” (Nóvoa, 2019, p. 6). Ele acredita nos espaços de formação que se dê no exercício da docência dentro de um trabalho coletivo, daí a relevância do PIBID para o desenvolvimento da Educação.

Amparado nos referenciais da BNCC e em estudos que defendem a inclusão das PCAs no currículo escolar, o presente trabalho fundamenta-se na concepção de ensino-aprendizagem como processo dialógico e reflexivo, pautado no desenvolvimento integral do(a) estudante.

Assim, este estudo, de natureza descritivo-interpretativa e configurado como relato de experiência, emerge das experiências vivenciadas pelos(as) bolsistas do curso de Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA). Segundo Oliveira e Pereira (2021), a Instituição supracitada participa do Programa desde 2013, sua inserção se deu pelo projeto intitulado “Aprendizagem significativa: construção e aplicação de saberes na educação básica”, desde então de forma ininterrupta o UniFOA, participa de novas submissões de projetos, a cada final de edital da CAPES, confirmando seu compromisso com a formação docente e a melhoria da Educação Básica.

Esse trabalho, portanto, tem como objetivo relatar e analisar uma sequência didática de oito encontros sobre Práticas Corporais de Aventura (PCAs), desenvolvida por bolsistas do PIBID com turmas de 6º e 7º anos do ensino fundamental em uma escola pública de Volta Redonda/RJ, durante o 2º bimestre do ano letivo de 2025. A proposta foi planejada e executada de forma colaborativa, contemplando modalidades como Orientação, slackline, parkour e trekking, com registro das vivências em diário de campo e por meio de narrativas reflexivas. Busca-se, ainda, identificar as percepções dos bolsistas acerca dessa unidade temática — considerada uma das principais novidades da BNCC — e refletir sobre sua inserção no currículo da Educação Física escolar.

Espera-se que este trabalho contribua para o debate sobre a inserção das PCAs no currículo escolar, fornecendo subsídios práticos para professores em formação e para a elaboração de propostas pedagógicas seguras, contextualizadas e alinhadas às diretrizes curriculares. Além disso, busca-se ampliar a compreensão sobre como experiências de iniciação à docência, mediadas por programas como o PIBID, podem potencializar a formação docente para lidar com conteúdos emergentes na Educação Física.

Diante deste contexto, este relato versa sobre as Práticas de Aventura, situando-a como





conteúdo de ensino-aprendizagem da Educação Física, apontando possibilidades para sua inserção com estudantes do Ensino Fundamental, mas especificamente 6º e 7º anos de escolaridade. Além disso, apresentamos estratégias utilizadas para a regência da temática, detalhando as vivências. Por fim, expomos os resultados obtidos, sobretudo quanto a percepção dos(as) professores(as) em formação, acerca das Práticas de Aventuras na escola.

METODOLOGIA

Este estudo, de natureza descritivo-interpretativa e configurado como relato de experiência, foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA). A intervenção ocorreu no 2º bimestre do ano letivo de 2025, em uma escola pública municipal de Volta Redonda/RJ, envolvendo duas turmas de 6º e 7º anos do ensino fundamental, totalizando aproximadamente 120 estudantes, com idades entre 11 e 13 anos.

A opção por esse formato de produção e de apresentação do conhecimento fundamenta-se nos estudos de Mussi, Flores e Almeida (2021), que o apontam como um recurso valioso para compreender com maior precisão a realidade escolar, especialmente no que se refere aos desafios e às possibilidades de qualificar a formação integral dos estudantes. Além disso, tal formato contribui para evidenciar a potência das ações pedagógicas desenvolvidas nas escolas, as quais, no âmbito acadêmico, vêm sendo cada vez mais reconhecidas e valorizadas como um saber relevante.

A sequência didática, planejada e executada de forma colaborativa entre bolsistas e supervisores do PIBID, compreendeu oito encontros, contemplando as modalidades de Orientação, slackline, parkour e trekking. Cada encontro foi estruturado com objetivos específicos, estratégias metodológicas, procedimentos de segurança e adaptações de materiais de acordo com as condições da escola.

A produção dos dados ocorreu por meio da apreensão das narrativas reflexivas elaboradas individualmente pelos bolsistas ao final de cada encontro através de registros em diário de campo e questionário via *google forms*. Para a análise, utilizou-se abordagem temática indutiva (Braun; Clarke, 2006), conduzida em quatro etapas: leitura flutuante, codificação inicial, agrupamento em categorias e interpretação à luz do referencial teórico sobre PCAs e formação docente.

Quanto aos aspectos éticos, a atividade enquadra-se no artigo 1º, parágrafo único,

inciso VIII, da Resolução CNS nº 510/2016, que dispensa de avaliação pelo sistema



CEP/CONEP ações realizadas com o intuito de educação, ensino ou treinamento. Foram assegurados o respeito à dignidade, privacidade e imagem dos estudantes, com autorizações institucionais e uso restrito dos registros fotográficos para fins acadêmicos.

As intervenções pedagógicas consistiram em uma sequência didática de oito encontros, descrita no Quadro 1 a seguir.

Buscou-se apreender, por meio das narrativas dos(as) bolsistas, suas percepções acerca da implantação das Práticas de Aventuras no contexto das aulas de Educação Física. As intervenções pedagógicas consistiram em uma sequência didática de oito encontros, descrita no Quadro 1.

Quadro 1 – Planejamento da sequência didática de práticas corporais de aventura

Encontro	Modalidade / Conteúdo	Objetivos principais	Estratégias e atividades	Recursos e materiais	Observações
1	Jogos de vertigem	Experimentar as sensações de desequilíbrio e desestabilidade.	Circuito	Cordas, vendas, rolos	Monitorar a segurança durante o desequilíbrio.
2	Orientação	Introduzir conceitos básicos de Orientação e leitura de mapas.	Apresentação teórica, dinâmicas de localização e prática com mapa da escola.	Mapas impressos, bússolas, sinalizações.	Adaptação de percurso para segurança.
3	Orientação avançada	Ampliar habilidades de navegação.	Provas de Orientação com pontos de controle	Mapas detalhados, bússolas.	Organizar grupos equilibrados.
4	Escalada	Conhecer a modalidade	Pesquisa, registro e debate.	Cromebooks	Orientar e acompanhar o desenvolvimento da pesquisa.
5	Escalada	Experimentar planos diferentes.	Situações de deslize	Cordas, colchonetes e skate	Adaptação de equipamentos e espaço.
6	Slackline	Desenvolver equilíbrio e concentração.	Demonstração, prática individual e em duplas com apoio.	Slackline, fitas de segurança, colchonetes.	Monitorar altura e estabilidade.
7	Parkour	Explorar deslocamentos e superação de obstáculos. Criação de percursos.	Aquecimento, exercícios básicos e circuito adaptado.	Estruturas seguras, colchonetes, cones.	Orientar execução segura e respeito aos limites individuais.
8	Trekking	Vivenciar caminhada orientada em percurso natural ou simulado.	Caminhada em grupo, observação do ambiente e discussão sobre preservação.	Mapas, bússolas, garrafas de água.	Atentar para hidratação e pausas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).



APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Em nosso primeiro encontro apresentamos para os(as) estudantes o histórico das Práticas de Aventura, as principais características dessas práticas como a vertigem (equilíbrio), as fortes emoções, o gerenciamento do risco controlado.

Na próxima intervenção trabalhamos com os(as) adolescentes as Práticas de Orientação. Foram apresentados os equipamentos dessa modalidade, o histórico de forma teórica por meio de um vídeo⁶. Logo após, tiveram a oportunidade de vivenciar um percurso dentro da escola, utilizando mapas, bússolas e prismas (Figura 1).

Figura 1: Mapa de Orientação.



Fonte: os autores

No 3º encontro foi um desdobramento do 2º encontro, os(as) estudantes foram convidados(as) a confeccionar os próprios mapas e construir seus percursos (Figura 3), em seguida, orientamos os(as) estudantes a trocarem seus mapas e experimentarem os percursos criados pelos(as) colegas.

Na próxima aula, conversamos com os(as) adolescentes sobre escalada e solicitamos que eles(as) fizessem uma pesquisa utilizando o *cromebook*, a fim de se aproximarem desta modalidade.

No 5º encontro, fizemos uma vivência preparada pelos(as) bolsistas do PIBID, em que a proposta era vivenciar o deslocamento da escalada nos planos verticais e horizontais.

⁶ Link de acesso: [INTRODUÇÃO AO ESPORTE ORIENTAÇÃO](#)





No próximo encontro, realizamos uma atividade em que trabalhávamos o equilíbrio utilizando o slackline, uma prática de aventura urbana que vem crescendo bastante na atualidade articulando com brinquedos tradicionais como pé de latas e perna de pau.

A tematização do parkour aconteceu no 7º encontro, no primeiro momento, assistimos a alguns vídeos sobre a modalidade. Fizemos uma breve conversa para contextualizar a atividade. Os(as) estudantes apresentaram seus conhecimentos prévios. Aproveitamos o momento para provocá-los a pensar quais desafios o espaço escolar apresentava que poderiam ser encarados como obstáculos do percurso de Parkour. Em seguida fizemos uma vivência, e foi solicitado aos alunos que criassem seu próprio percurso. Logo após, apresentamos alguns movimentos básicos da modalidade e seus respectivos nomes.

Durante a experiência, as meninas se recusaram a executar os movimentos propostos pela professora, no final da aula, reivindicaram um espaço formado somente por meninas, a fim de que se sentisse mais confortáveis para realizar o percurso. O grupo se apoiava umas nas outras a fim de que todas tivessem êxito na atividade.

A última aula da sequência didática, foi um trekking no bairro (Figura 2). Nesta atividade, para além da atividade física, incentivamos os(as) discentes a identificar quais impactos ambientais, eles(as) observavam nas proximidades da escola, a fim de fazermos uma articulação com a Educação Ambiental. Apesar de fazerem o percurso até a escola a pé pela maioria, foi comum encontrar entre eles(as) falas de nunca terem percebido determinados problemas que encontramos pelo caminho, como desmatamento da mata ciliar do rio vizinho à escola, acúmulo de lixo, gravidade da montanha de dejetos químicos num reservatório próximo a escola.

Figura 2: Caminhada (trekking) observação dos problemas ambientais do bairro





Fonte: os autores

Discussão dos dados

De acordo com a sequência didática apresentada, demonstramos que é possível trabalhar com as Práticas de Aventuras na escola e com a participação ativa dos(as) bolsistas, na regência das proposições didáticas percebemos em suas narrativas que este conteúdo contribuiu de forma significativa em seus processos formativos.

“[...] as aventuras na escola vai ser uma prioridade minha a ser trabalhado é possível fazer adaptações no ambiente escolar para os alunos terem essa vivência tão única, a partir dos anos iniciais já é possível propor algumas práticas de aventuras”.

“Quando eu assumir uma turma como professora de Educação Física, pretendo sim incluir as práticas de aventura no meu planejamento pelo impacto positivo que vejo nos alunos. Pois sei que estas práticas estimulam a autonomia, autoconfiança, cooperação, cuidado com o outro e vivências reais que os alunos levarão para fora da escola”.

“Como futuro professor, acredito que proporcionar essa vivência para os alunos é de extrema importância, pois excede o campo prático, auxiliando na tomada de decisões, superar as barreiras, resolução de problemas e desafios, dessa forma, visa o desenvolvimento integral do aluno”.

“Acho válido trabalhar aventura na escola, é algo que precisa ser bem estudado pelo professor para prever riscos, mas algo que é muito possível vivenciar nas escolas e começar esse trabalho por meio dos jogos de vertigem é a melhor jeito de introduzir os alunos nesse meio”.

Segundo os relatos acima, podemos perceber que os(as) futuros(as) professores(as), identificam objetivos que possam ser alcançados para além da aprendizagem de habilidades motoras, fundamentos e técnicas esportivas. Eles indicam a necessidade de um bom planejamento como em toda *práxis* pedagógica, conseguem perceber as características e relevância das atividades e nos dão indícios da viabilidade destas práticas no contexto escolar.



APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise das narrativas reflexivas dos(as) bolsistas e registros descritivos das intervenções permitiram identificar quatro categorias principais: (I) engajamento e participação dos estudantes, (II) ampliação do repertório motor, (III) relações de gênero e pertencimento e (IV) consciência ambiental e gestão de risco (Quadro 2).

I – Engajamento e participação dos estudantes

As intervenções despertaram elevado interesse nas turmas, especialmente nas modalidades menos conhecidas, como slackline e Orientação. Os bolsistas relataram que, ao longo dos encontros, houve maior adesão às atividades e fortalecimento da cooperação entre os alunos:

“Foi perceptível que todos queriam participar e ajudar, até mesmo aqueles que normalmente ficam mais afastados nas aulas” (B3).

Esse resultado confirma a observação de Mussi et al. (2021) de que as práticas corporais de aventura favorecem a criação de vínculos e a mobilização coletiva por meio de desafios compartilhados.

II – Ampliação do repertório motor

As PCAs propostas possibilitaram a vivência de habilidades motoras diversificadas, como equilíbrio, coordenação, força e noção espacial. No slackline, por exemplo, registrou-se evolução significativa no tempo de permanência sobre a fita e no controle corporal:

“No primeiro dia, muitos não conseguiam se manter por mais de três segundos; no último encontro, já faziam pequenos deslocamentos” (B1).

Tais achados dialogam com Freire e Vieira (2022), que destacam o papel das PCAs no enriquecimento do repertório motor e na promoção de aprendizagens duradouras.

III – Relações de gênero e pertencimento

Durante a vivência de parkour, um grupo de alunas solicitou realizar a atividade separadamente, relatando maior conforto e segurança para experimentar movimentos mais complexos. Essa escolha reflete a busca por um ambiente psicologicamente seguro, aspecto apontado por Inácio (2021) como fundamental para ampliar a participação feminina em conteúdos tradicionalmente masculinizados:



“A gente se sentiu mais à vontade para tentar movimentos difíceis quando estávamos só entre meninas” (B4).

IX Seminário Nacional do PIBID

IV – Consciência ambiental e gestão de risco

O trekking realizado em área próxima à escola estimulou discussões sobre preservação ambiental e segurança pessoal. Os participantes identificaram impactos negativos no percurso, como acúmulo de resíduos, e propuseram soluções:

“Foi surpreendente como eles perceberam a quantidade de lixo no caminho e sugeriram ações para mudar isso” (B2).

Essas reflexões reforçam a BNCC (Brasil, 2018) no que se refere à integração de temas transversais, como sustentabilidade e cidadania, ao currículo da Educação Física.

Quadro 2 – Categorias temáticas, descrições e exemplos de evidências

Categoria	Descrição	Exemplos de evidências (falas dos bolsistas)
I – Engajamento e participação dos estudantes	Motivação e interesse crescente dos alunos nas atividades, com destaque para modalidades menos conhecidas e para a cooperação entre colegas.	“Foi perceptível que todos queriam participar e ajudar, até mesmo aqueles que normalmente ficam mais afastados nas aulas” (B3).
II – Ampliação do repertório motor	Desenvolvimento de habilidades motoras como equilíbrio, coordenação e noção espacial, com progressos visíveis ao longo da sequência.	“No primeiro dia, muitos não conseguiam se manter por mais de três segundos; no último encontro, já faziam pequenos deslocamentos” (B1).
III – Relações de gênero e pertencimento	Adaptação de dinâmicas para garantir conforto e segurança, especialmente para ampliar a participação feminina em conteúdos historicamente masculinizados.	“A gente se sentiu mais à vontade para tentar movimentos difíceis quando estávamos só entre meninas” (B4).
IV – Consciência ambiental e gestão de risco	Reflexões sobre impactos ambientais e atitudes de preservação, além da atenção à segurança durante as práticas.	“Foi surpreendente como eles perceberam a quantidade de lixo no caminho e sugeriram ações para mudar isso” (B2).

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Síntese interpretativa





Os resultados indicam que a sequência didática desenvolvida no âmbito do PIBID contribuiu para ampliar o repertório motor dos estudantes, promover engajamento e cooperação, estimular debates sobre equidade de gênero e fomentar a consciência ambiental. Além disso, evidenciaram a necessidade de estratégias pedagógicas que garantam a participação equitativa de todos e de protocolos claros de gestão de risco para a realização segura das PCAs no contexto escolar. Esses achados corroboram a literatura que reconhece o potencial pedagógico dessas práticas e oferecem subsídios para sua inserção planejada e contextualizada no currículo da Educação Física escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidenciou que a inserção Práticas Corporais de Aventuras (como conteúdo significativo para o ensino de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental). Através da sequência didática desenvolvida no contexto do PIBID, foi possível observar o engajamento dos(as) estudantes e a apropriação crítica dos(as) bolsistas sobre a temática, demonstrando que, mesmo diante de limitações estruturais, é viável adaptar o ambiente escolar para proporcionar vivências autênticas e formativas.

A experiência relatada evidenciou que a inserção das Práticas Corporais de Aventura (PCAs) no currículo da Educação Física escolar, quando planejada de forma contextualizada e colaborativa, apresenta significativo potencial para o desenvolvimento motor, cognitivo, socioemocional e atitudinal dos estudantes. A sequência didática de oito encontros, conduzida por bolsistas do PIBID junto a turmas de 6º e 7º anos do ensino fundamental, mostrou-se capaz de ampliar o repertório motor, promover a cooperação, estimular reflexões sobre questões de gênero e fortalecer a consciência ambiental.

As percepções dos(as) bolsistas revelaram que as PCAs constituem não apenas um conteúdo inovador na BNCC, mas também uma oportunidade de integração entre teoria e prática na formação inicial docente. As vivências possibilitaram que futuros(as) professores(as) experimentassem estratégias de gestão de risco, adaptação pedagógica e mediação de conflitos, competências essenciais para a atuação profissional.

Além disso, a experiência demonstrou que a abordagem das PCAs contribui para fortalecer vínculos entre alunos e professores, estimular o protagonismo estudantil e articular





temas transversais, como sustentabilidade e cidadania, de forma orgânica no componente curricular.

Conclui-se que iniciativas como esta, apoiadas por programas institucionais de iniciação à docência, podem potencializar a formação docente e fornecer subsídios concretos para a construção de propostas pedagógicas inovadoras, seguras e alinhadas às diretrizes curriculares. Recomenda-se que novos estudos ampliem a análise para diferentes contextos escolares, explorando a viabilidade e os impactos da implementação das PCAs em longo prazo, de modo a consolidar este conteúdo como parte efetiva e transformadora da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, n. 98, p. 44-46.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

DE DEUS INÁCIO, Humberto Luís et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

FERREIRA, Vanessa Alexandre et al. Formação docente e sistematização de conteúdos sobre as práticas corporais de aventura: uma pauta urgente. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 37, p. e37187669-e37187669, 2023.

FREIRE, E. dos S.; VIEIRA, P. de B. A. Educação Física Escolar. *In*: FINARDI, F.; ULASOWICZ, C. (Org.). **Aprendendo práticas corporais de aventura na educação física: da escola à universidade**. Curitiba: CRV, 2022. p. 19-36.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. e005321, 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60- 77, out./dez. 2021.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e pesquisa**, v. 25, p. 11-20, 1999.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019.





OLIVEIRA, Ivanete da Rosa Silva de; PEREIRA, Ana Paula Cunha. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência: trajetórias de formação docente no curso de Educação Física do UniFOA. In: PEREIRA, Ana Paula Cunha; SILVA, José Cristiano Paes Leme da; VILELA, Silvio Henrique (org). 50 anos do curso de Educação Física do UniFOA: histórias, memórias e trajetórias. Volta Redonda: Editora: FOA, 2021. 186 p.

PEREIRA, D. W. Aventura na Educação Infantil, Vamos Ampliar a BNCC?. In: PEREIRA, D. W. (Org.). **Pedagogia da aventura na escola**: proposições para a base nacional comum curricular. Várzea Paulista: Fontoura, 2019. p. 17–26.

